

A semântica como alternativa para a compreensão de gêneros textuais

Using semantics as a way to understand textual genres

Jussara Maria Jurach¹

RESUMO: Este trabalho se propõe a investigar a percepção de características de um conjunto de gêneros textuais com base na análise linguística, valendo-se das investigações da Linguística Textual e oferecendo como suporte as considerações da Semântica. Essa proposta visa a demonstrar como a abordagem Semântica é pertinente para ampliar a percepção de características dos gêneros textuais, sem excluir os componentes pragmáticos e discursivos. Os textos analisados neste estudo são provenientes de um questionário elaborado para avaliar acadêmicos do primeiro e do quarto ano de cursos de licenciatura em Letras em relação ao domínio das características de gêneros textuais diversos. As análises estão focadas nos elementos semânticos que atuam na relação de pergunta e resposta no questionário e contemplam: a interface semântica-pragmática, as considerações do cálculo proposicional, as teorias de tempo e aspecto verbal e a dos primitivos semânticos. Nessa direção, estabelece-se uma relação entre os mecanismos cognitivos que atuam na produção e recepção de textos e o olhar sobre as funções semânticas que organizam o processamento textual. A relação predominante de análise será a respeito da interface da Linguística Textual, a partir de Beaugrande e Dressler (1981) e Adam (2011), com as investigações da Semântica acerca do processamento de sentido.

Palavras-chave: Gêneros textuais; Semântica; Análise linguística.

ABSTRACT: This paper examines the perception of the characteristics of a set of Textual Genres based on Linguistic Analysis, drawing on a Textual Linguistics investigation and offering Semantics considerations as support. This is an attempt to show how relevant semantic investigations are to extend a perception on the characteristics of Textual Genres, without excluding pragmatic and discourse elements. The texts analyzed in this study were taken from a questionnaire designed to assess freshman and senior university students from courses of Bachelor of Arts in Language, in terms of knowledge about different Textual Genres and their characteristics. The analyses focus on the semantic elements that act in respect of question and answer in the questionnaire, and which include: A Semantics-Pragmatics interface, the considerations of the propositional calculus, the theories of tense and aspect of verbal and semantic primitives. On these terms, it is set a relationship between the cognitive mechanisms that operate in the production and reception of texts and a look at the functions that organize semantic text processing. The main analysis in this paper will concern the interface of Textual Linguistics, from authors as Beaugrande and Dressler (1981) and Adam (2011), with Semantic investigations in terms of meaning processing.

Keywords: Textual Genres; Semantics; Linguistic Analyze.

¹ Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Federal do Paraná. E-mail: jumariaju@yahoo.com.br

INTRODUÇÃO

Dentre os questionamentos e encaminhamentos teóricos para a investigação de como os textos funcionam na interação humana – Teorias da Enunciação, Análise do Discurso, Análise da Conversação –, os critérios de textualidade propostos por Beaugrande e Dressler (1981), em *Einführung in die Textlinguistik*, marcam uma ampliação do conceito de texto adotado pela Linguística Textual, de modo mais notório, na década de 80. Os sete critérios – coesão, coerência, intencionalidade, aceitabilidade, informatividade, situacionalidade e intertextualidade – ampliam o foco para além da questão formal, anteriormente privilegiada. Na perspectiva dos autores, os dois primeiros critérios são voltados para a organização da superfície textual e os outros cinco, para a pragmática, pois envolvem a situação comunicativa e a atuação dos participantes, o que oferece novos contornos para o olhar sobre o texto.

Tais critérios de textualidade envolvem, portanto, componentes linguísticos e extralinguísticos na constituição dos textos. Isso marca um momento de mudança na Linguística Textual, diferenciado, sobretudo, das análises transfrásticas anteriores e da concepção imanente das gramáticas de texto. Essa virada corresponde, ainda, a um olhar interessado nos processos cognitivos envolvidos no processamento dos textos, não mais entendidos como um produto acabado.

Essas mudanças na compreensão do que constitui texto e que fatores atuam no atendimento às suas funcionalidades chegaram às propostas de ensino de Língua Portuguesa, inclusive posteriormente associados à questão dos gêneros textuais. No entanto, apesar dos avanços, muitas vezes tais conceitos foram pouco aprofundados e, além disso, aplicados de modo prescritivo, falho e, até certo ponto, intuitivo. Com isso, muitos trabalhos receberam críticas vindas, sobretudo, dos representantes das chamadas ciências “duras” da linguística, como a Sintaxe e a Semântica.

Devido a esse panorama, este trabalho propõe investigar a percepção de características acerca de gêneros textuais com base na análise linguística, a partir das investigações da Linguística Textual e do levantamento de fatores semânticos. Essa proposta visa a demonstrar uma possibilidade de estudo dos gêneros textuais e, também, a pertinência das investigações da Semântica para uma leitura ampliada e justificada da constituição dos gêneros textuais diversos.

Os textos analisados são constituintes de um questionário elaborado para avaliar o domínio sobre gêneros textuais diversos por acadêmicos do primeiro e do quarto ano do curso de Letras.

A elaboração dos itens sobre os gêneros textuais avaliados no questionário, descrita mais adiante neste trabalho, considerou as sequências textuais propostas por Adam (2011) e os critérios de textualidade, conforme definidos por Beaugrande e Dressler (1981). Essas teorizações foram tomadas por permitirem a identificação de como os processos de constituição dos textos – perceptíveis nas marcas linguísticas, na consideração dos parceiros envolvidos na comunicação e na situação - estão relacionados à caracterização dos gêneros textuais.

1. APROXIMAÇÕES INICIAIS

É perceptível na abordagem de Beaugrande e Dressler (1981), acerca da coesão e da coerência, uma conceituação que prima pela dependência gramatical da teia textual, no entanto, tal noção não é meramente arbitrária e é desenvolvida a partir de exemplos que envolvem conteúdos cognitivos e categorias semânticas, como causalidade, na sustentação da cadeia textual.

Desse modo, as teorias de cognição oferecem uma base importante para os estudos desses autores, pois a cadeia textual pode ser observada a partir das relações entre conceitos conectados no texto.

Um conceito é definível como uma configuração de conhecimento (conteúdo cognitivo) que pode ser descoberto ou ativado com maior ou menor unidade e consistência na mente. Relações são os links entre conceitos que aparecem juntos em um mundo textual: cada link seria uma designação do conceito ao qual se conecta. (BEAUGRANDE e DRESSLER, 1981, p. 4, tradução nossa).

Os termos de análise para relações de coerência em um texto, em Beaugrande e Dressler (1981), estão voltados para fatores temporais de ações, para situações e para a participação dos sujeitos em interação. Uma das análises sobre a produção textual, presente em *Einführung in die Textlinguistik*, exemplifica o tratamento da coerência com foco no conjunto de ações realizadas em uma situação, por um agente, havendo uma entidade afetada e um deslocamento temporal. Para os autores, “Coerência não é uma mera característica dos

textos, mas sim o resultado de processos cognitivos dos usuários dos textos. A simples justaposição de eventos e situações em um texto deverá ativar operações que irão recuperar ou criar relações de coerência.” (BEAUGRANDE E DRESSLER, 1981, p. 6, tradução nossa).

Nessa linha de observação, o sentido de um texto é constituído pela interação do conhecimento do momento presente da interação com os conhecimentos de mundo dos interlocutores, conforme Petöfi (1974). Tal movimento está diretamente relacionado a processos de inferência e aponta para a relevância da investigação de movimentos inferenciais na produção e compreensão dos textos.

Assim, apesar das possibilidades de sistematização da linguagem, em tempo real os usuários desenvolvem operações astronomicamente vastas e as relacionam ao contexto, por isso Beaugrande e Dressler (1981) denominam este processo de “combinatorial explosion”. Desse modo, a maneira como os usuários combinam morfologia e sintaxe deve ser assunto de uma pesquisa centrada em condições reais de linguagem, a fim de aproximar-se da variedade de procedimentos textuais que acontecem durante a comunicação, o que envolve operacionalidade e plausibilidade das atividades humanas naturais. “Os seres humanos são evidentemente capazes de processos de raciocínio complexos, que simplesmente lógicas tradicionais não podem explicar, como: tirar conclusões precipitadas, buscar analogias subjetivas, e até mesmo raciocinar na ausência de conhecimento”. (COLLINS, 1978 apud BEAUGRANDE e DRESSLER, 1981, p. 93, tradução nossa).

Nesse sentido, cabe ressaltar a defesa, neste artigo, de que muitas das noções da Linguística Textual a respeito de relações de sentido estão em uma via direta com conceitos semânticos, desde sua origem, e podem ser enriquecidos por abordagens que relacionem a tríade mundo/mente/língua.

Inclusive, Beaugrande e Dressler (1981), ao tratar dos níveis de continuidade de sentido que constroem a coerência, critério considerado fundamental para a textualidade, comentam sobre tarefas realizadas pelos usuários da linguagem para acessar centros de controle de conceitos e enumeram conceitos primários, como objeto, situação, evento e ação, que organizam o processamento do texto. A estes, Beaugrande (1980) acrescenta um conjunto de conceitos secundários, que envolvem outros traços, como estado, agente, lugar, movimento, forma, substância, causa, volição, entre outros. A partir de operações mentais que ativam esses conceitos, constrói-se a rede de relações que constitui o texto.

Segundo Beaugrande e Dressler (1981), os conceitos que organizam o processamento dos dados gramaticais funcionam com *links*, sendo que um conceito, por exemplo, é estado do outro, ou o agente do outro, e assim se estabelecem as combinações.

Tais categorias a respeito dos conceitos ativados para a construção da coerência textual são condizentes com a noção de primitivos semânticos abordados na investigação dos componentes de significado, seguindo teorias de representação lexical.

Para Jackendoff (1990), no livro *Semantic Structures*, os primitivos correspondem a funções características, que podem ser decompostas em uma série de outras funções, exemplificando com o primitivo de “causa”, que pode ser decomposto em outros pares de funções, cada um com suas características. Para tanto, compara a questão dos primitivos às descobertas da Física a respeito dos átomos, os quais também podem ser decompostos em unidades menores, cada uma com sua função. Segundo o autor, se existe uma base inata de aquisição de conceitos, esta deve consistir em um conjunto de princípios gerativos: “(...) um grupo de primitivos e princípios de combinação que coletivamente determinam o conjunto de conceitos lexicais.” (JACKENDOFF, 1990, p. 10, tradução nossa).

Nessa direção, estabelece-se aqui uma relação entre os mecanismos cognitivos que atuam na produção e recepção de textos e o olhar sobre as funções semânticas que organizam o processamento textual. Esse movimento visa a apontar para um entendimento do texto como uma unidade constituída por uma série de fatores, como discursivos, cognitivos, pragmáticos e semânticos.

2. A NOÇÃO DE GÊNEROS TEXTUAIS E A ELABORAÇÃO DO QUESTIONÁRIO

Além dos critérios de textualidade assinalados por Beaugrande e Dressler (1981) como pontos de observação de como acontecem comunicações eficientes e aceitáveis, a operacionalidade dos eventos comunicativos está relacionada a componentes pragmáticos e discursivos e, desse modo, voltada diretamente para o domínio de gêneros textuais diversos, sem os quais, conforme aponta Bakhtin (1992), a comunicação seria praticamente impossível.

A partir do conhecimento dos gêneros textuais, os usuários fazem escolhas e desenvolvem estratégias motivadas para melhor atender aos objetivos da comunicação. Nesse procedimento, os usuários utilizam um sistema virtual, a linguagem, organizam esse sistema em uma estrutura particular, na qual está presente o conhecimento, mesmo que intuitivo, dos

gêneros textuais, e constituem o texto, um sistema de atualização, o qual envolve elementos contextuais que integram produção e recepção.

Esta pesquisa, portanto, insere-se em uma perspectiva que valoriza, certamente, um componente discursivo atuando intensamente nas produções textuais. No entanto, não se pode deixar de considerar que há também um componente linguístico com características estáveis que sustentam certas relações de sentido.

Assim, as análises feitas sobre o elemento semântico que atua na constituição da relação de pergunta e resposta, no questionário aplicado aos alunos do curso de Letras, contemplarão diferentes perspectivas adotadas pela Semântica. São elas: a interface semântica-pragmática, as considerações do cálculo proposicional, as teorias de tempo e aspecto verbal e a dos primitivos semânticos.

Nessa perspectiva, os itens elaborados para a constituição do questionário estão voltados para a análise dos procedimentos típicos de inferência e processamento textual, entendidos aqui como aqueles que correspondem à ativação de uma série de conhecimentos conceituais e situacionais. Em outras palavras, apesar de o questionário ser aplicado a um público específico, acadêmicos de Letras que possuem contato com termos e leituras teóricas, os itens foram elaborados de tal modo que não exigem conhecimentos aprofundados da metalinguagem. Portanto, visam à análise das atividades de interpretação e compreensão dos gêneros que pode ser feita por meio da interação entre os conhecimentos empíricos e os procedimentos típicos de inferência necessários para diversos níveis de leitura.

O princípio metodológico para a elaboração do questionário para o levantamento sobre o domínio de características de gêneros textuais corresponde à Teoria de Resposta ao Item (TRI). Dentro desse princípio, um item diz respeito a uma questão que busca investigar um descritor específico, ou seja, uma competência a ser avaliada. Para tanto, é apresentado um texto-base, que funciona como motivação para o ponto a ser avaliado, seguido do enunciado de instrução a respeito do que está sendo solicitado e das alternativas, conforme o modelo de itens de múltipla escolha. Cada item possui uma resposta correta e quatro distratores, ou seja, respostas plausíveis, aceitáveis, no entanto, por algum motivo, incorretas.

Os itens foram elaborados com base em duas vertentes teóricas de sistematização da constituição de textos, uma a respeito das sequências textuais – descritiva, explicativa, narrativa, argumentativa e dialogal (ADAM, 2011) - e outra que trata dos elementos envolvidos na comunicação, relacionando-os aos critérios de textualidade postulados por Beaugrande e Dressler (1981). A partir disso, estabeleceram-se como descritores: 1) marcas

linguísticas das macroproposições: que tipos de componentes linguísticos sustentam as proposições presentes no texto; 2) marcas linguísticas das mudanças de macroproposições: em que momento do texto acontecem quebras na linearidade das proposições e se estabelecem novos encaminhamentos; 3) tema: que tipo de tratamento se dá ao tema, dentro de uma sequência e gênero específico; 4) interlocutor 1: como o produtor do texto marca a sua presença e a sua posição; 5) interlocutor 2: que características podem ser depreendidas dos interlocutores a quem se destina o texto; 6) situacionalidade: como o texto se relaciona com o contexto em que foi publicado ou no qual foi produzido; 7) intertextualidade: como as relações com outros textos produzem as redes de sentido.

Assim, a elaboração do questionário contemplou gêneros textuais diversos, conforme a predominância das cinco sequências textuais propostas por Adam (2011), sendo que para cada uma das sequências foram elaborados sete itens, conforme os descritores enumerados acima. Desse modo, o questionário foi composto por 35 questões.

Neste trabalho serão analisados quatro itens, ou seja, quatro questões que compõem o material de investigação a respeito do domínio dos estudantes do curso de Letras sobre gêneros textuais, tendo como ponto de partida as noções teóricas provenientes da Semântica e suas interfaces. Com isso, tem-se o objetivo de demonstrar como essa perspectiva funciona como um dispositivo eficiente no estudo da interpretação de textos de gêneros textuais variados.

3. ANÁLISES DE QUATRO ITENS DO QUESTIONÁRIO SOBRE GÊNEROS TEXTUAIS

Serão analisadas quatro questões que compuseram o questionário utilizado para avaliar o domínio de características de gêneros textuais diversos por parte dos acadêmicos do curso de licenciatura em Letras. Destaca-se que cada questão está voltada para uma característica definidora do gênero, sem que necessariamente o nome do gênero apareça na elaboração do item. O foco é demonstrar como a análise linguística, feita aqui com base na semântica, está diretamente relacionada aos gêneros, suas construções e finalidades.

3.1 GÊNERO TEXTUAL: PIADA

A questão 1 tem como descritor a percepção de marcas linguísticas das macroproposições que atuam na produção de humor das piadas, no caso, com foco na conjunção “ou”. O gabarito corresponde à letra “a”.

Um casal conversando...

Querido, o que você mais prefere? Uma mulher bonita ou uma mulher inteligente?
- Nem uma, nem outra... meu amor... Você sabe que eu gosto só de você!

UM casal conversando. Disponível em: <http://piadascurtaseengracadas.org/> Acesso em:

1) Qual o papel da conjunção “ou” presente na pergunta da mulher?

- a) Permite inferir que as características “bonita” e “inteligente” são excludentes.
- b) Leva a inferir que mulheres bonitas são também inteligentes.
- c) Veicula a ideia de que as características “bonita” e “inteligente” são complementares.
- d) Afirma que as mulheres optam por serem bonitas ou por serem inteligentes.
- e) Veicula uma ideologia contrária às mulheres bonitas e inteligentes.

Pelo posicionamento ideológico claro, a piada acima faz parte dos gêneros textuais de sequência argumentativa. O item 1 visa a investigar a percepção das marcas linguísticas das macroproposições que levam à efetivação da funcionalidade de tal gênero, o humor.

O enunciado questiona a respeito do tipo de relação lógica estabelecida pelo conectivo “ou” na sentença proferida pela mulher, pois a conjunção em questão conduz o efeito de sentido produzido pela pergunta. As relações de sentido dos conectivos podem ser explicadas a partir de uma perspectiva que alia lógica e semântica e verifica as condições de verdade das sentenças, não apenas por uma relação puramente sintática, tendo como expoente teórico principal Montague (1974).

Ao distinguir categorias de sentenças e categorias sintáticas, Montague (1974) afirma que isso não acontece apenas por razão sintática, mas porque para uma teoria semântica as sentenças denotam valores de verdade.

Para além de uma perspectiva sintática, o respondente do questionário deveria compreender o conectivo “ou” a partir do sentido de exclusão que provoca na sentença, sendo, portanto, a alternativa correta a da letra “a”. Desse modo, a relação lógica estabelecida

pelo conectivo se opõe ao efeito chamado de disjunção ou conectivo inclusivo, o qual está presente nas alternativas “b” e “c”. A alternativa “d” pode ser negada pelo fato de que a sentença da mulher não se trata de uma afirmação, já sendo um distrator pelo verbo que inicia a sentença, “afirma”, além do fato de que não se afirma nada a respeito das opções feitas pelas mulheres. O último distrator envolve a perspectiva ideológica da piada, no entanto, a percepção do posicionamento ideológico não é provocada exclusivamente pelo conectivo “ou”.

Apesar de o enunciado ter como foco o papel da conjunção, é preciso considerar também a participação do verbo “preferir”, antecedido pelo advérbio de intensidade “mais”, que confere a característica de exclusão ao conectivo, pelas relações de sentido que estabelece.

Assim, a análise das condições de verdade da sentença deve ser projetada para as possibilidades de resposta oferecidas ao homem, pois a sentença proferida pela mulher é uma sentença interrogativa.

Na perspectiva lógica, o conectivo inclusivo é simbolizado como \vee , produzindo a forma lógica $p \vee q$ (sendo **p** e **q** as proposições envolvidas). Assim, se a sentença estivesse incluindo “bonita” e “inteligente”, a resposta poderia contemplar os dois elementos e continuaria condizente com a pergunta. No entanto, não é essa relação que se estabelece a partir do conectivo devido à presença do verbo “preferir”.

Diferentemente disso, no caso do conectivo de exclusão, simbolizado por \vee_e , a forma lógica resultaria em $p \vee_e q$, o que significa que a resposta à sentença deveria contemplar apenas um dos adjetivos “bonita” ou “inteligente” para ser verdadeira, devido à tabela de verdade:

| p | q | $p \vee_e q$ |
|----------|----------|--------------------------------|
| V | V | F |
| V | F | V |
| F | V | V |
| F | F | F |

Desse modo, a pergunta, conforme elaborada pela mulher com o conectivo de exclusão, já restringe as possibilidades de resposta do homem e encaminha para uma resposta contendo uma das opções: “bonita” ou “inteligente”. No entanto, pela resposta que nega as alternativas oferecidas pela mulher e a exclui destas, garante-se o efeito de humor à piada.

3.2 GÊNERO TEXTUAL: EDITORIAL

Esta questão tem como descritor o interlocutor 1, ou seja, está voltada para a percepção das estratégias comunicativas utilizadas pelo emissor do texto para atingir seus propósitos, em consonância com os propósitos do gênero textual. O gabarito corresponde à letra “c”. Esta questão tem como base o texto “Não devemos ser escravos das máquinas”, o qual está na sequência.

2) A primeira pessoa do plural cria dois papéis assumidos pelo autor durante o texto. Quais são eles?

a) No primeiro parágrafo, a primeira pessoa refere-se à grande imprensa brasileira que atuou como pioneira para a divulgação dos fenômenos digitais. Nos demais, o autor fala em nome dos usuários das novas tecnologias.

b) Durante o primeiro parágrafo, o autor fala como um dos pioneiros da revista *Época*. Nos demais parágrafos, o “nós” refere-se aos escravos das tecnologias digitais e fala em nome destes.

c) Durante o primeiro parágrafo, o autor fala em nome da equipe da revista *Época*. Nos demais, há um efeito de ampliação e o “nós” refere-se aos seres humanos que vivem no mundo digital.

d) No primeiro parágrafo, o autor se insere entre aqueles que sabem criticar os efeitos nocivos causados pelas novas tecnologias. Durante o segundo e o terceiro parágrafos, a primeira pessoa se refere apenas àqueles que sabem conviver de modo saudável com as máquinas no mundo digital.

e) No primeiro parágrafo, a primeira pessoa se refere à equipe da revista *Época*. Nos demais parágrafos, o “nós” diz respeito àqueles que simpatizam integralmente com a escravidão provocada pelas máquinas no mundo digital.

Não devemos ser escravos das máquinas

Por Hélio Gurovitz, diretor de redação

Nenhuma publicação da grande imprensa brasileira abraçou com tanta ênfase a cobertura do mundo digital quanto ÉPOCA. Fomos pioneiros ao chamar a atenção para o caráter inovador de fenômenos como a Wikipédia, os blogs, o Twitter, o ensino digital, os smartphones, os tablets, o Facebook e as redes sociais – que, somados, redefiniram o panorama da informação e da cultura nos últimos anos. Mas jamais fomos ingênuos. Abraçamos a inovação, mas também sabemos criticar seus efeitos nocivos, que muitas vezes passam despercebidos àqueles que têm uma visão apenas superficial do tema. Em nossas páginas, já criticamos o uso do Google como consultório médico, já discutimos como a internet afeta o funcionamento de nosso cérebro, frequentemente combatemos o amadorismo pedagógico daqueles que glorificam a cultura colaborativa do meio digital, lamentamos o vício em redes sociais e a invasão da nossa privacidade por sites como o Facebook.

Nesta edição, o repórter Rafael Barifouse se debruça sobre o onipresente universo dos smartphones (*leia a reportagem da página 72*). Antes restritos à voz, os celulares inteligentes se transformaram em computadores portáteis que carregamos no bolso, às vezes sem nos dar conta de que dentro deles estão nosso círculo de amigos, nosso trabalho, nossas lembranças e – sobretudo – nossa disposição em responder a qualquer interrupção. Ele toca, vibra ou faz apenas aquele inconfundível ruído de chegada de uma nova mensagem – e pronto! Lá estamos nós digitando no meio da reunião, da aula, do almoço, do encontro amoroso, quando não em situações arriscadíssimas como o volante ou a mesa de cirurgia.

Ninguém defenderá a volta a um mundo antigo, sem os confortos do mundo digital – até porque, de um ponto de vista puramente pragmático, isso é impossível. Mas é inegável que as novas tecnologias despertam novos padrões de comportamento e exigem profundas mudanças de hábito, para que cada indivíduo aprenda a conviver com elas de modo saudável. Os smartphones se tornaram ferramentas essenciais para a agilidade e a presteza, hoje tão necessárias para garantir os níveis de produtividade exigidos na economia moderna. Mas não podemos nos tornar escravos deles. É preciso saber a hora de desligar. E fazê-lo sem medo, sem sentimento de culpa e com a certeza de que somos nós – seres humanos – que devemos comandar as máquinas. E não o contrário.

Fonte: ÉPOCA. São Paulo, n. 734, p. 8, 11 jun. 2012.

O item acima tem como objetivo avaliar a percepção de como o interlocutor 1, ou seja, o produtor do texto, insere-se na constituição do editorial “Não devemos ser escravos das máquinas”. Visa-se a perceber como o interlocutor 1 atende ao movimento prototípico do gênero textual, segundo as características que o definem e as funcionalidades a que se destina esse gênero, tais como a opinião do diretor de redação a respeito de um tema tratado na edição e a apresentação de mudanças feitas na publicação em relação às demais.

Sem deixar de acompanhar esse movimento típico ao gênero editorial, nota-se que há uma diferença no modo como o interlocutor 1 se insere no primeiro parágrafo do texto em

relação ao segundo e o terceiro parágrafos. Apesar de manter a primeira pessoa do plural durante todo o texto, no primeiro parágrafo o produtor do texto refere-se diretamente à revista *Época* e passa a apresentar, ocupando seu posto de diretor de redação, o que a equipe fez em relação à cobertura do mundo digital. Nos demais parágrafos, há uma ampliação da coletividade representada pelo “nós” assumido pelo diretor, pois a primeira pessoa do plural deixa de se referir especificamente à equipe da revista *Época* e passa a abranger os usuários de smartphones e tecnologias digitais em geral. Assim, o gabarito corresponde à alternativa “c”.

Apesar de que a explicação acima possa parecer intuitivamente satisfatória, pode-se questionar o que leva à percepção dessa diferença entre a primeira pessoa do plural nos diferentes parágrafos. Uma explicação pelo viés da semântica novamente parece oferecer respostas interessantes. Para tanto, toma-se como foco de observação a situação, o tempo e o aspecto dos verbos utilizados na construção do texto em questão.

Quanto à situação, os verbos podem ser estativos, os quais denotam um estado que se mantém durante certo tempo, ou dinâmicos, aqueles que implicam a ação dos participantes e tendem a indicar mudança de estado.

A respeito do tempo, este permite ao falante localizar o evento como anterior, simultâneo ou posterior ao momento da fala. Mas, conforme Vendler (1957), os verbos apresentam diferenças de comportamento que remetem à completude dos eventos, podendo envolver processos ou “fases”, o que constitui o aspecto verbal. “Têm sido feitas distinções entre verbos que sugerem processos, estados, disposições, acontecimentos, tarefas, realizações, dentre outros. Obviamente essas diferenças não podem ser explanadas em termos de tempo somente.” (VENDLER, 1957, p. 143, tradução nossa).

A contribuição que esses conceitos a respeito dos verbos pode oferecer para a explicação dos diferentes papéis assumidos pelo interlocutor 1, na produção do editorial, está na observação de que os verbos na primeira pessoa do plural utilizados no primeiro parágrafo são, em sua maioria, dinâmicos. Podem ser citados: “abraçamos”, “criticamos”, “discutimos”, “combatemos” e “lamentamos”.

Diferentemente disso, os verbos na primeira pessoa do plural presentes no segundo e no terceiro parágrafos são predominantemente estativos, por exemplo: “estamos” e “somos”, no presente do indicativo. Aparecem ainda dois verbos auxiliares: “podemos” e “devemos”, mas com participação deôntica. Os verbos dinâmicos, nesses dois parágrafos, na maioria, têm como sujeito os smartphones e as tecnologias, ou seja, não a primeira pessoa do plural.

Os verbos dinâmicos, aqueles que refletem temporalmente a estrutura interna de uma situação, envolvem eventos e processos de ação. Assim, a predominância dos verbos dinâmicos no primeiro parágrafo é condizente com a posição assumida pelo diretor de redação para discorrer acerca das ações realizadas pela equipe da revista *Época* a respeito da cobertura sobre as tecnologias digitais. Em outras palavras, a carga semântica dos verbos empregados contribui para uma inserção do interlocutor 1 como participante e porta-voz da publicação, papel típico assumido pelo diretor de redação nos editoriais.

Diferentemente disso, os verbos estativos não refletem alterações de fases dentro de uma estrutura temporal. No entanto, são comumente empregados em sequências argumentativas, pois oferecem uma carga semântica de algo dado, estabelecido. Assim, o interlocutor 1, no segundo momento do texto, dissolve-se em um sujeito coletivo representado pela primeira pessoa do plural e insere-se como observador dos fatos para, então, marcar seu posicionamento.

3.3 GÊNERO TEXTUAL: NOTA DE UTILIDADE PÚBLICA

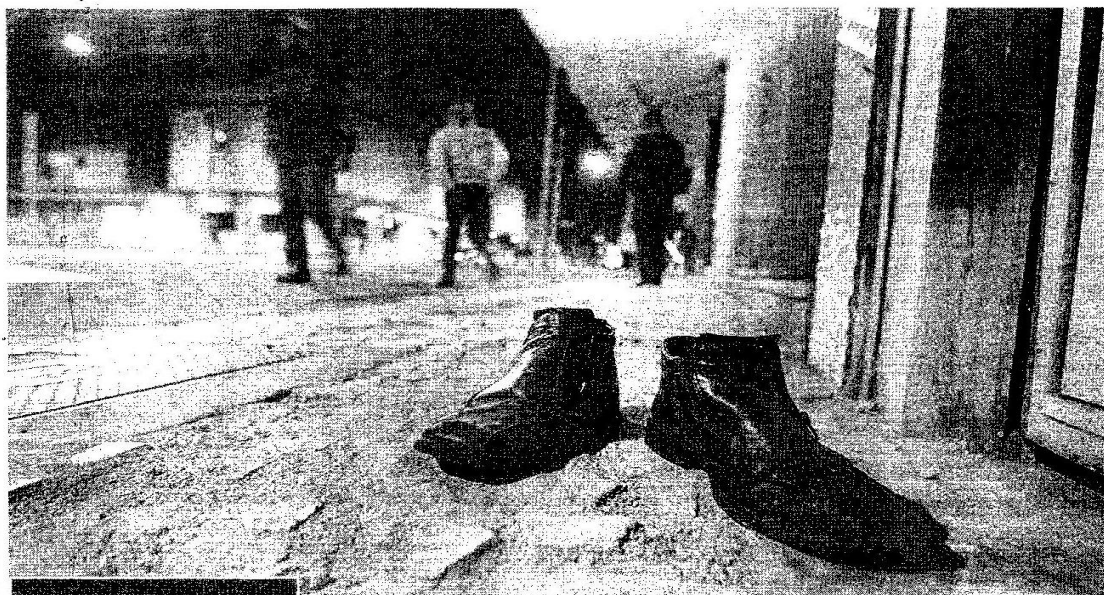
A questão abaixo toma como base o texto intitulado “Pés descalços” e tem como descritor as marcas linguísticas das mudanças de macroproposições, estratégia utilizada em alguns textos, dentre outros motivos, para torná-los mais dinâmicos e surpreender o leitor, quebrando as expectativas. O gabarito corresponde à alternativa “a”

3) A sentença “Apesar de beneficiar outra pessoa, o gesto não é o mais adequado” marca a existência de dois momentos distintos no texto. Assinale a alternativa que os explica.

- a) O texto inicia com o relato de uma situação e a sentença em questão marca o início da avaliação do autor a fim de argumentar sobre o fato.
- b) O texto inicia com uma argumentação indireta e a sentença em questão demonstra a argumentação direta do autor do texto.
- c) O texto inicia com a descrição de um fato corriqueiro e a sentença em questão marca a aprovação do autor em relação à situação narrada.
- d) O texto inicia com uma argumentação com base em dados reais e a sentença marca o início das suposições feitas pelo autor.
- e) O texto inicia com o relato que explica a foto e a sentença em questão revela que a primeira impressão causada pela foto não é a correta.

» FOTO DO DIA

Fez uma imagem interessante? Se quiser colaborar com o jornal, envie sua foto para fotografico@gazetadopovo.com.br.

**Pés descalços**

DANIEL CASTELLANO,
Gazeta do Povo

Em uma das noites frias desta semana, esse par de sapatos foi abandonado na Rua Lourenço Pinto, no Centro de Curitiba. Como havia os dois pés e estavam em bom estado, logo foram levados embora por outro passageiro. Apesar de beneficiar outra pessoa, o gesto não é o mais adequado. Várias

campanhas de arrecadação de agasalhos e sapatos usados estão ocorrendo em Curitiba, e não são poucos os pontos de coleta dessas doações. Se você deseja "passar para frente" algo em bom estado, entregue para alguém que precise ou faça contato com a Fas pelo telefone 156.

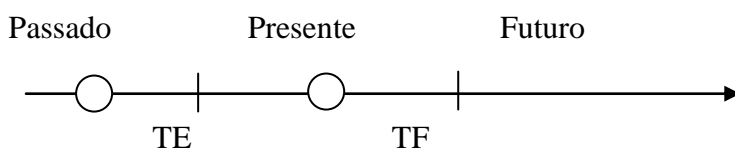
Fonte: CASTELLANO, D. Pés descalços. *Gazeta do Povo*. 20. jul. 2012.

A questão 3 tem como foco o descritor denominado “marcas linguísticas das mudanças de macroposições”, o qual investiga, neste caso, a percepção do momento em que ocorre uma mudança de sequência textual. O texto intitulado “Pés Descalços”, publicado na editoria “Serviço e diversão” da *Gazeta do Povo*, apresenta uma sequência narrativa inicial. No entanto, a sentença presente no enunciado, “Apesar de beneficiar outra pessoa, o gesto não é o mais adequado”, passa a uma sequência argumentativa, que revela a funcionalidade do texto, o qual se pode entender como um tipo de nota de utilidade pública.

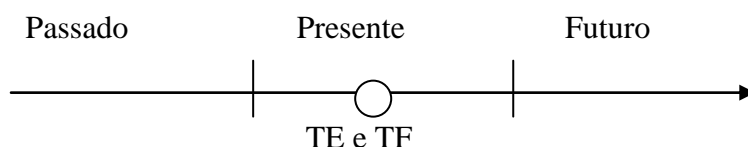
Os distratores elaborados estão voltados para possíveis diferenças entre as sequências textuais, sendo a alternativa correta a letra “a”. A via para chegar a tal alternativa não é meramente intuitiva e pode ser explicada por um critério semântico, sobretudo pelas teorizações a respeito do tempo dos verbos.

A primeira parte do texto, a qual corresponde à sequência narrativa, é elaborada a partir de verbos no passado, precisamente no pretérito perfeito e no pretérito imperfeito do modo indicativo. A partir da sentença destacada no enunciado, o texto passa a ser escrito no presente do indicativo, com alguns trechos no imperativo, momento em que se inicia uma sequência argumentativa. A alteração no tempo dos verbos utilizados marca a mudança de sequência textual e, assim, constitui uma marca linguística das mudanças de macroposições.

O tempo dos verbos está voltado para a localização do tempo do evento (TE) e do tempo de fala (TF). Assim, em relação aos verbos que aparecem no primeiro trecho do relato, no pretérito perfeito e no pretérito imperfeito, ambos situam o tempo do evento anteriormente ao tempo de fala. Desse modo, instituem um distanciamento temporal que situa o fato narrado no passado. Pode-se representar essa organização temporal pela seguinte linha:



Diferentemente disso, durante a sequência argumentativa, os verbos empregados “é”, “estão” e “são”, todos estativos, o que traz uma carga de algo dado e funciona discursivamente na argumentação, localizam o tempo do evento simultaneamente ao tempo de fala. Faz-se a seguinte representação dos verbos no presente do indicativo:



Além disso, cabe atentar que a sentença em destaque no enunciado tem como sujeito “o gesto”, o verbo de ligação no tempo presente “é”, este antecedido do advérbio de negação “não”, e como predicado “o mais adequado”, ou seja, a negação de um adjetivo que conferiria uma avaliação positiva à situação narrada acima. Assim, ao situar conjuntamente tempo de evento e tempo de fala, evidencia-se um posicionamento de quem toma a palavra, marcado ainda pela posição do adjetivo no predicado da sentença “(...) o gesto não é o mais adequado”. Assim, há uma atitude de aproximação entre o evento e a opinião, o que, discursivamente, pode levar a um engajamento.

A partir dessas considerações, como este trabalho é de interface entre a Linguística Textual e a Semântica, cabe abordar a relação entre “mundo narrado” e “mundo comentado” proveniente de Weinrich (1964) e citada por Koch (2008). Mesmo ciente de que a perspectiva adotada por Weinrich (1964) questiona as doutrinas de tempo e aspecto verbal, pode-se notar

que sua abordagem da participação dos tempos verbais no discurso está em conformidade com a análise feita acima a respeito da relação entre verbo e posicionamento argumentativo no texto “Pés descalços”.

Com base em Weinrich (1964), “ao mundo narrado pertencem todos os tipos de relato, literários ou não; tratando-se de eventos relativamente distantes, que, ao passarem pelo filtro do relato, perdem muito sua força, permite-se aos interlocutores uma atitude mais ‘relaxada’ (KOCH, 2008, p. 35-36). Diferentemente disso, no mundo comentado “o falante está comprometido: tem de mover e tem de reagir e seu discurso é um fragmento de ação que modifica o mundo em um ápice e que, por sua vez, empenha o falante também em um ápice” (...) **Comentar é falar comprometidamente**” (WEINRICH, 1964, p. 69 apud KOCH, 2008, p. 36, tradução e negrito da autora).

Conforme essa relação, quando os falantes utilizam-se dos verbos no pretérito perfeito e do pretérito imperfeito, estes assumem o papel de narradores, “convidando o destinatário a converter-se em simples ouvinte, com o que toda a situação comunicativa se desloca para outro plano (...) situado além da temporalidade do mundo comentado, que deixa de ter validade enquanto durar o relato” (KOCH, 2008, p. 36).

Já ao utilizar-se dos verbos no presente do indicativo, assume-se um posicionamento argumentativo. “(...) a forma verbal **presente** nada tem a ver com o Tempo: ela constitui, justamente, o tempo principal do mundo comentado, designando uma atitude comunicativa de engajamento, de compromisso”. (KOCH, 2008, p. 37, negrito da autora).

Dessa forma, apesar de algumas diferenças de posicionamento entre Weinrich (1964) e a semântica de Vendler (1967) sobre o funcionamento dos verbos, fica claro que as constatações feitas a partir de ambos levam a resultados semelhantes sobre a atuação dos verbos no texto.

3.4 GÊNERO TEXTUAL: PERGUNTA E RESPOSTA

O item 4 avalia o domínio das marcas linguísticas das macroproposições típicas dos textos explicativos, neste caso, do gênero pergunta e resposta, a essas marcas linguísticas estão relacionados outros movimentos lexicais que corroboram para o efeito de explicação. A alternativa correta corresponde à letra “a”.

4) Que marcas linguísticas presentes no texto “O de cima sobe” demonstram as estruturas base dos textos explicativos?

- a) O pronome interrogativo “por que”, na pergunta enviada pelo leitor e a conjunção explicativa, “porque”, durante a resposta.
- b) O pronome “toda”, durante a pergunta, e a conjunção explicativa “porque”, durante a resposta.
- c) O pronome interrogativo “por que”, presente na pergunta do leitor, e a conjunção “e”, na última sentença do texto.
- d) O verbo indicativo de estado, “é”, na pergunta do leitor, e a predominância do presente do indicativo na resposta, confirmando sua atualidade.
- e) Os verbos na forma nominal gerúndio, como “gerando”, dando atualidade à explicação.

por Edição: Felipe van Deursen Reportagem: Fronteira - Agência de Jornalismo

O DE CIMA SOBE

Por que toda grande nascente é no alto de montanha?

- Alexandre e José Leonardo - Piraí, RJ

Rios grandes costumam nascer próximos a montanhas porque chove mais nesses lugares. Além disso, algumas montanhas têm gelo, cujo derretimento alimenta a nascente. A do rio Amazonas, por exemplo, é formada por gelo dos Andes. Quando chove, a água se infiltra no solo, preenche espaços vazios e escorre montanha abaixo, gerando a nascente. E o rio vai descendo até o chão.

Fonte: SUPERINTERESSANTE, Seção Oráculo. São Paulo, n. 205, jun. 2012

A questão 4 tem como descritor as “marcas linguísticas das macroposições” na sequência explicativa que compõe o texto “O de cima sobe”. O gênero textual do texto base pode ser definido como “pergunta e resposta”, em que a equipe de redação responde a perguntas variadas dos leitores, gênero comum às revistas que buscam um viés interativo com os leitores.

O enunciado está voltado para o movimento prototípico aos gêneros textual que apresentam, predominantemente, as sequências explicativas: as relações de causa e efeito de determinados eventos. O gabarito, portanto, corresponde à alternativa “a”, pois o pronome interrogativo “por que” e a conjunção explicativa “porque” marcam textualmente o movimento típico das explicações.

No mesmo percurso que vem sendo desenvolvido no restante do trabalho, pode-se, pelo viés semântico, ampliar a reflexão sobre os dispositivos que levam à resposta correta.

A pergunta enviada pelo leitor apresenta uma proposição: “toda grande nascente é no alto de uma montanha”. Nota-se a presença do verbo “ser” seguido por uma locução adverbial de lugar “no alto de uma montanha”. Desse modo, conforme Jackendoff (1990), esta sentença se estrutura sobre uma categoria semântica universal de “estado”, marcada, sobretudo, pelo componente semântico do verbo “ser”, o qual não indica ação. O universal semântico básico

de estado pode estar associado a outros campos semânticos, no caso analisado, a um componente espacial de lugar. Para colocar nos moldes de análise de Jackendoff (1990), representa-se abaixo a estrutura conceitual da sentença presente na pergunta enviada pelo leitor:

[STATE SER LOC ([THING A GRANDE NASCENTE], [PLACE NO ([THING ALTO DA MONTANHA])])]

A estrutura acima demonstra as relações estabelecidas entre diferentes conceitos na constituição de uma sentença. Entre a rede de conceitos que se relaciona à categoria de estado, nesse caso, destaca-se o de localização espacial. Se voltarmos a buscar o movimento prototípico às sequências explicativas, por meio da compreensão do conceito de estado na sentença acima, vê-se que o leitor oferece algo que está dado e questiona sobre as causas dessa relação entre estado e lugar.

A sentença inicial da resposta oferecida pela equipe da revista “Rios grandes costumam nascer próximos a montanhas porque chove mais nesses lugares.”, na qual aparece a conjunção explicativa “porque”, parte da sentença indicativa de estado presente na pergunta do leitor, mas a modifica pela locução verbal “costumam nascer”, em que o auxiliar “costumar” oferece um componente de probabilidade e o verbo “nascer” não é estativo, pois envolve um processo. Desse modo, a sentença assindética “Rios grandes costumam nascer próximos a montanhas” traz uma carga de efeito e, a sentença sindética vai trazer a causa.

Observa-se que para oferecer a causa, “porque chove mais nesses lugares”, tem-se um verbo dinâmico, ou seja, um componente conceitual de evento, que atua como um primitivo de CAUSA. Desse modo, há um movimento que, mesmo sem todo o detalhamento, pode ser representado pela estrutura conceitual a seguir:

(EVENT CAUSE [EVENT CHOVE MAIS], ([PLACE NESSES ([THING LUGARES])])]

O que cabe ressaltar aqui, para as finalidades deste trabalho, é que as estruturas conceituais oferecem sistematizações de como acontecem certas representações mentais, baseadas nos primitivos semânticos, que explicam como se processam as estruturas mentais que organizam a linguagem dos seres humanos.

O objetivo dessa análise foi demonstrar que estruturas são mobilizadas para chegar à percepção de causa e efeito que organizam sequências explicativas e, conseqüentemente, o gênero textual, com o que é possível chegar à resposta correta.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A abordagem acerca dos gêneros textuais feita neste estudo buscou oferecer uma alternativa, via Semântica, para uma compreensão consistente das características prototípicas a estes, a qual pode ser trabalhada em cursos de Letras. Acredita-se que a perspectiva pragmática, assim como a discursiva, já comumente postas em interface com a Linguística Textual, podem ser enriquecidas pela necessária percepção das marcas linguísticas presentes nos textos e, para a observação destas, a perspectiva semântica oferece importantes considerações.

Além disso, uma discussão eficiente e segura sobre a aquisição de gêneros textuais na formação de futuros professores se torna necessária, quando adotadas as sugestões acerca do ensino de Língua Portuguesa propostas nas Diretrizes Curriculares (DCE's) e nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADAM, J.M. *A linguística textual: introdução à análise textual dos discursos*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2011.
- BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- BEAUGRANDE, R. *Text, Discourse, and Process*. London: Longman, 1980.
- BEAUGRANDE, R.; DRESSLER, W. U.; *Einführung in die Textlinguistik*. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 1981.
- COLLINS, A. *Fragments of a theory of human plausible reasoning*. TINLAP-2, 1978.
- JACKENDOFF, R. *Semantic Structures*. Cambridge, MA: MIT Press, 1990.
- KOCH, I. G. V. *Argumentação e linguagem*. 11. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

MONTAGUE, R. *Formal philosophy: selected papers of Richard Montague*. New Haven, CT: Yale University Press, 1974.

PETÖFI, J. Towards an empirically motivated grammatical theory of verbal texts. In: PETÖFI, J.; RIESER, H. (eds.) *Studies in Text Grammar*. Dordrecht: Reidel, 1974.

VENDLER, Z. Verbs and Times. In: *The Philosophical Review* 66. 1957, p. 143-160.

WEIRINCH, H. (1964). *Tempus. Besprochene und Erzähite Welt*. Trad. esp. Ed. Gredos, Madrid, 1968.

Data de recebimento: 17/07/2014

Data de aprovação: 22/09/2014